




“Experiência Luz”: Relato de Uma Vivência da Iluminação Cênica em Conexão Com Histórias de Assombração

Ivanilde Santos da Silva

Para citar este artigo:

SILVA, Ivanilde Santos. “Experiência Luz”: Relato de Uma Vivência da Iluminação Cênica em Conexão Com Histórias de Assombração. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v. 2, n. 02, dez. 2021.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669020220210701>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



“Experiência Luz”: Relato de Uma Vivência da Iluminação Cênica em Conexão Com Histórias de Assombração¹

Ivanilde Santos da Silva ²

Resumo

O relato apresenta o percurso criativo desenvolvido durante o processo de trabalho do “Projeto Experiência Luz e a Recontação de Histórias de Assombração na Cidade de Belém-2021”, que abordou a iluminação cênica criativa através de experiências com iluminação em espaços comunitários da periferia da cidade.

Palavras-chave: Iluminação cênica. “Experiência luz”. Histórias de assombração. Percurso criativo.

“Light Experience”: An Account of An Experience of Scenic Lighting in Connection with Haunting Stories

Abstract

The report presents the creative path developed during the work process of the “Light Experience Project and the Retelling of Haunting Stories in the City of Belém-2021”, which addressed creative scenic lighting through experiences with lighting in community spaces on the outskirts of the city.

Keywords: Scenic lighting. “Light experience”. Haunting stories. Creative journey.

¹ Revisão realizada por Antonio Geovany de Oliveira - Licenciado Pleno em História e Biologia. Especialista em Legislação Educacional Brasileira, Docência no Ensino Superior e Gestão Escolar.

² Iluminadora, arte educadora, professora de Teatro com Licenciatura Plena em Teatro pela Universidade Federal do Pará. Com experiência em organizações governamentais e não governamentais, com ênfase em teatro e iluminação, atuando principalmente com público de crianças e adolescentes. Iluminadora, cenógrafa e atuante cênica, com experiência na área de iluminação de espetáculos cênicos e desenvolvimento de oficinas de iluminação cênica criativa. que denomino experiências luz.

✉ educadoraivanilde@yahoo.com.br | 🌐 <http://lattes.cnpq.br/7383403655599865>

🆔 <https://orcid.org/0000-0002-4887-6605>



“Experiencia Luz”: Relato de una experiencia de iluminación escénica en relación con historias inquietantes

Resumen

El informe presenta el camino creativo desarrollado durante el proceso de trabajo del “Proyecto Experiencia Luz y el Recuento de Historias Inquietantes en la Ciudad de Belém-2021”, que abordó la iluminación escénica creativa a través de experiencias con iluminación en espacios comunitarios en las afueras de la ciudad.

Palabras clave: Iluminación escénica. “Experiencia luz”. Historias inquietantes. Proceso creativo.



Foto 1: poesia de Zumba



Fonte: instagram MarioZumba

Neste relato, quero contar como a luz cênica foi utilizada para estabelecer a conexão com a cultura oral através das histórias de assombração, da importância da iluminação no meu processo criativo e da possibilidade de utilização da luz na construção de uma poética, a partir das vivências com a iluminação cênica, que denomino de “experiências luz”.

Nos tempos atuais, em que estamos vivenciando a pandemia de covid 19, enfrentamos o isolamento social e a concentração das pessoas em casa. Nesse processo, as rodas de conversa são mecanismos para explorar as potencialidades das relações.

Foto 2: cartaz do projeto



Fonte: Acervo pessoal da autora



Ao utilizar a luz, como estímulo indutor para a criação e composição cênica, procuro estimular que as pessoas possam se permitir aflorar suas emoções, suas memórias e os vínculos com suas ancestralidades, para, a partir desses referenciais, compor a proposição de uma metodologia.

Na realização desse projeto, foram criados espaços cênicos em comunidades da periferia, com elementos cenográficos e “objetos-luz”³, que foram utilizados nas vivências e composição do vídeo resultante do projeto. Baseada nos seguintes objetivos: produzir vídeo sobre as vivências com recontação de histórias de assombração e “experiências luz”; realizar experiências com iluminação cênica alternativa; realizar a montagem cênica dos espaços com materiais para a experiência com luz; propor espaço de conversa e de recontação de histórias de assombração. Para alcançar os objetivos foram utilizadas várias estratégias. Para tanto, utilizei como metodologia a pedagogia dialógica de Paulo Freire⁴, que parte da escuta da realidade dos participantes e considera a participação de todos no processo de aprendizagem, sobre a identificação do espect-ator segundo Augusto Boal⁵, acerca dos procedimentos do teatro épico de Bertold Brecht⁶, sobre a criação e o trabalho durante a pandemia com Luciana Raposo⁷, o que Bartolomeu Queirós aponta sobre as questões de memória e organizei e desenvolvi as “experiências luz”⁸.

Essa proposta, se justifica, pela possibilidade de ampliar o campo de discussão acerca da iluminação cênica como mecanismo, além do ensino aprendizagem, também como outra possibilidade: de utilização das “experiências luz”, enquanto indutora na construção de uma poética, conectando a iluminação cênica e a cultura oral das histórias de assombração.

Penso, com essa proposta, apontar para a investigação de um objeto de pesquisa que se fortaleça e se desenvolva no mestrado.

³ Denominação criada por mim na pesquisa de graduação e que descrevo no corpo do texto.

⁴ Paulo Reglus Neves Freire foi um educador e filósofo brasileiro. Patrono da educação brasileira. Referência na Educação Popular com a Pedagogia Libertadora.

⁵ Augusto Pinto Boal, diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro. Fundador do Teatro do Oprimido, que alia o teatro à ação social.

⁶ Bertolt Brecht, dramaturgo e encenador alemão do início do século XX.

⁷ Iluminadora cênica de profissão e paixão, é uma das integrantes do Coletivo Lugar Comum.

⁸ Denominação criada por mim e que descrevo no corpo do texto.



O presente relato consiste em apresentar algumas experiências vividas com a iluminação cênica criativa que denomino “experiências luz”, que irei detalhar posteriormente, e com a qual foi o suporte para a realização do “Projeto Experiência Luz e a Recontação de Histórias de Assombração na Cidade de Belém”, premiado no Edital Juventude Ativa do Movimento de Emaús através da Lei Aldir Blanc 2020, desenvolvido no primeiro semestre de 2021, entre os meses de janeiro à maio, no auge da pandemia de Covid 19, em espaços comunitários da periferia da cidade de Belém, de maneira presencial e *online*, e que teve como resultado um vídeo disponível em plataforma pública⁹.

Desde a graduação venho pesquisando os elementos de iluminação que denominei como “objetos-luz”:

São aqueles que podem se tornar ao longo do processo indutores da criação e até o foco do processo de encenação, desde as etapas de construção das cenas, passando pelos exercícios cênicos até a realização da cena, através dos efeitos de luz emanados por eles e em correlação, construída com os atuantes (Silva, 2013, p. 69).

Este foi desenvolvido no meu trabalho de conclusão de curso intitulado “À Luz do Teatro: uma investigação sobre a sensibilização de crianças e adolescentes pela iluminação no processo de ensino e aprendizagem do teatro”, no curso de Licenciatura Plena em Teatro pela Universidade Federal do Pará-2013, através do projeto intitulado “Vagalumes Urbanos: iluminação criativa na periferia da cidade de Belém”, que foi desenvolvido no período de junho à dezembro de 2012, premiado com Bolsa de Criação, Experimentação, Pesquisa e Divulgação Artística do Instituto de Artes do Pará ano 2012, no qual desenvolvi oficinas de iluminação para crianças e adolescentes da Escola em Regime de Convênio de Ensino Fundamental Associação de Moradores do Residencial Jardim Jaderlar, escola que desenvolve suas atividades em convênio entre a associação de moradores e a rede pública estadual através da Secretaria Estadual de Educação do Pará-SEDUC, e teve como resultado a Instauração cênica “Com-Tatos”, realizada em espaços comunitários da periferia de Belém, na Escola de Teatro e Dança da UFPa e no Instituto de Artes do Pará, fazendo uma ponte entre a periferia e o centro cultural da cidade de Belém. Sendo uma instauração cênica no bairro do Mangueirão numa área destinada a uma praça do bairro no dia 24/11/2012, na Associação de Moradores do Benguí no dia 25/11/2012, outra na

⁹ Acessível pelo link: <https://youtu.be/tAdlsPIUI54>.



Escola de Teatro e Dança da UFPa, no “Projeto Cena na 5¹⁰” no dia 29/11/2012 e a última no Circuito das Artes realizado no Instituto de Artes do Pará no dia 15/12/2012.

Hoje, uma próxima etapa da minha pesquisa, são as vivências com a iluminação cênica criativa, que denomino de “experiências luz”, que são um conjunto de sete experiências, realizadas com iluminação natural e artificial que organizo e desenvolvo, utilizando os “objetos-luz”, construídos com materiais e elementos não convencionais ao teatro.

Nessa vivência, do projeto atual, foram desenvolvidas três dessas experiências sendo elas com luz artificial, entre as quais com luz de velas, luz incandescente e luz negra, agora conectando as recontações de histórias de assombração presentes no meu universo familiar e no resgate de outras histórias dos participantes da experiência, nas rodas de conversa promovidas para o público em geral.

O projeto atual, foi realizado em três espaços comunitários em áreas da periferia da cidade de Belém, sendo eles: o Núcleo de Educação Popular Raimundo Reis no bairro do Benguí com roda de conversa presencial no dia 07/02/2021 e contrapartida on line dia 05/04/2021, nesse mesmo dia foi lançado o vídeo no Youtube e nas redes sociais do projeto, na Associação de Moradores do Jaderlar no bairro do Mangueirão, com roda de conversa presencial no dia 14/02/2021 e contrapartida on line dia 10/04/21.

Essas associações foram escolhidas por desenvolverem atividades sem fins lucrativos, voltadas ao desenvolvimento da arte, da educação, da cultura, do esporte e do lazer, para a comunidade, de maneira gratuita ou a preço acessível. Envolvendo o público de crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, na periferia da cidade, onde não temos espaços culturais públicos, e que assim, ajudam a fomentar a produção e a formação cultural na cidade. No edital, referido anteriormente, havia a exigência de disponibilização de 2 (duas) atividades gratuitas para escolas, espaços públicos e comunidade, denominadas de contrapartidas do projeto. Eu apontei como contrapartida a realização de rodas de conversa. Sendo duas delas contrapartidas que foram exigências do edital e outras resultantes de parcerias formadas durante a execução do projeto.

No que diz respeito às contrapartidas, além das estabelecidas para o edital foi possível

¹⁰ Projeto de Extensão da Escola de Teatro e Dança que faz parte do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará. Tinha por objetivo ser um espaço para a produção cênica dos discentes e docentes da Etdufpa e de instituições externas.



ampliar a inserção do projeto para outros espaços que nem haviam sido apontados enquanto contrapartidas, mas que surgiram e foram utilizados, sendo eles a Associação de Moradores do Conjunto Catalina, também no bairro do Mangueirão, na qual realizamos a atividade presencial, mas com restrição de pessoas, no dia 21/02/2021, onde fizemos uma apresentação do projeto, experiências com luz e registro imagético para desenvolvimento do vídeo. Na UEI Catalina III, para os pais, responsáveis e equipe técnica, e na Escola Itaú Cultural no Curso “Entre a caixa preta e cubo branco: panorama da expografia e da cenografia no Brasil”, como troca de experiência realizada na área de cenografia e iluminação.

Fotos 3,4 e 5: espaços comunitários



Fonte: Acervo pessoal da autora

Este projeto, foi desenvolvido ainda no auge da pandemia, quando estavam vigentes os decretos do governo municipal e estadual, normatizando as regras de distanciamento social e controlado, visando a prevenção e o enfrentamento à covid-19, em regime de cooperação com o Estado do Pará. O que me reconduziu para o direcionamento das atividades de maneira mais restritiva e de forma on-line. O projeto foi desenvolvido em três etapas, sendo elas concomitantes. A primeira etapa foi a realização de rodas de conversa em centros comunitários para um grupo pré-definido de participantes, devido às condições de distanciamento social e os decretos estabelecidos tanto pelo governo estadual quanto pelo governo municipal. Nas rodas de conversa foram experimentados os "objetos-luz" que fizeram parte da gravação das cenas para a elaboração do vídeo final do projeto.



Para tanto, foram criados e produzidos os materiais de cenografia, que foram utilizados na montagem dos espaços cenográficos. Com esculturas produzidas exclusivamente para o projeto, com os "objetos-luz", e realizado as “experiências luz”. Na segunda etapa, realizei a seleção e edição do vídeo, a partir de todo material imagético que foi produzido durante as rodas de conversas presenciais. Na terceira e última etapa, com o aumento dos casos de Covid 19 e o agravamento da pandemia do Coronavírus, realizei as contrapartidas do projeto com rodas de conversas de maneira virtual devido ao bandeiramento da Covid e dos decretos do governo estadual e municipal.

A pandemia do Covid 19, gerou grandes dificuldades para a execução do meu projeto que foi pensado para desenvolver a afetividade e a preservação da memória imaterial. Mas consegui mesmo de maneira controlada e distanciada realizar vários momentos muito marcantes para minha trajetória enquanto artista e como ser humana.

Inicialmente, elaborei o projeto pensando no envolvimento das pessoas e da comunidade em torno das contações de história. Imaginando grandes rodas com trocas de afeto e histórias, com a presença das pessoas mais idosas das comunidades relatando suas vivências para as pessoas mais jovens e assim realizando um encontro de gerações. Uma referência a essa necessidade vem na fala da professora Livramento Aviz durante a roda de conversa no Núcleo de Educação Popular Raimundo Reis:

Falta um pouco desse resgate, dessa memória, trazer essas pessoas que tem a memória, que falam das histórias no bairro [...] essas histórias estão por aí silenciadas de alguma forma, mas elas existem[...] o que falta é despertar nas pessoas esses espaços para que elas possam expor suas experiências, suas histórias de vida e aí vai aparecer milhares de histórias[...] essas trocas de conhecimento não só das assombrações, mas principalmente da vida real, de como aprender a caçar, pescar, de como aprender a sobreviver na natureza, faz parte da minha bagagem cultural (AVIZ, 2021)

A vivência dessas histórias, tem uma relação profunda com os ensinamentos para a vida, como o respeito com a natureza, a relação com o universo do mítico e do sagrado muito vivenciado pelos povos amazônidas.

Com as ações de maneira on-line perdeu-se a oportunidade de reunir nossas comunidades em torno das rodas de conversa e assistir o vídeo do projeto onde cada um poderia se enxergar



nessa produção tão especial para todos os envolvidos, mas foi possível construir um outro tipo de relação. Mesmo estando no auge da pandemia de coronavírus, ainda conseguimos sensibilizar e envolver algumas pessoas que participaram das nossas vivências. Com uma participação muito variada do público em relação às faixas etárias estando presentes desde crianças até pessoas adultas.

Os Caminhos Percorridos

A ideia das rodas de conversa surgiu da pedagogia dialógica de Paulo freire, no qual aponta que o conhecimento deve ser construído com a participação de todos, segundo o qual “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1988, p. 79). Assim, todas as pessoas tinham suas ideias e referências respeitadas independente da sua idade, opção religiosa ou escolaridade. Cada contribuição era importante e foi considerada na organização e produção dos registros do projeto. Nas nossas rodas de conversa as pessoas assumiram uma outra configuração, a de espect-atores, segundo aponta Boal:

Espectador, que palavra feia! O espectador, ser passivo, é menos que um homem e é necessário re-humanizá-lo, restituir-lhe sua capacidade de ação em toda sua plenitude. Ele deve ser também o sujeito, um ator, em igualdade de condições com os atores, que devam por sua vez ser também espectadores. Todas essas experiências de teatro popular perseguem o mesmo objetivo: a libertação do espectador, sobre quem o teatro se habituou a impor visões acabadas do mundo. E considerando que quem faz teatro, em geral, são pessoas direta ou indiretamente ligadas às classes dominantes, é lógico que essas imagens acabadas sejam as imagens da classe dominante (BOAL, 2008, p.236).

Logo, no projeto, os espect-atores trazem as suas histórias, e tem o espaço para contá-las e elas tornam-se elemento para a construção da obra artística em forma de vídeo. E no processo de contação e/ou recontação os espect-atores, saem da condição de simples observadores e assumem o protagonismo da cena. Nesse sentido, abre-se um campo para se pensar no quanto a cena pode proporcionar o empoderamento desses espect-atores pela palavra e pela ação, seja na cena ou em suas vivências pessoais. Exemplo dessa afirmação foram os espect-atores que no nosso convívio diário na comunidade são mais retraídos e tímidos e nas rodas de conversa se



sentiram à vontade e puderam partilhar de algumas de suas vivências pessoais e de suas histórias. Algo que foi recorrente nas falas foi o convencimento de que as histórias são reais e a referência às memórias afetivas dos familiares que contavam as histórias. E a necessidade de resgatar essas memórias que estão sendo silenciadas. Como fala a moradora Márcia Sales, em relato na roda de conversa na Associação de Moradores do Jaderlar:

precisa ser resgatado em nós, porque vai passando o tempo, nós vamos esquecendo, de muitas e muitas histórias contadas, e as crianças que hoje em dia, não escutam mais, vai morrendo mesmo, é uma cultura que eu acho muito interessante, tem vários conhecimentos [...] o maior tesouro que alguém pode levar não é bem material, não é dinheiro, mas é conhecimento (SALES, 2021).

Para recontar as histórias de assombração na periferia da cidade de Belém, decidi construir um ambiente que representasse o nosso lar. Lembrando dos momentos em que meus pais nos reuniam na nossa casa para nos contar as histórias.

As falas dos espect-atores possuem enorme importância para a contextualização na cena, como na fala de Márcia Sales em relato na roda de conversa na Associação de Moradores do Jaderlar:

Nós tínhamos o desejo de toda noite escutar, mas na hora de ir embora pra casa! O retorno às suas casas, que era o problema! Era tão convincente que a gente ficava com medo de ver uma assombração na esquina, escutar um assobio e botar a gente pra correr. A gente ia com aquela tensão no coração! Apesar do medo, a gente tava todo dia lá pra querer escutar. O sentimento que veio dentro de mim foi a recordação da minha mãe, desses momentos que ela fazia, que eram muito bons, e que hoje, infelizmente estão sendo apagados da história. Quando lancei o convite pra outros eu falei disso, que é o resgate de uma cultura que está deixando de existir (SALES, 2021).

Considero, a abordagem sobre alguns procedimentos do teatro épico de Brecht, entre eles, a narração, que é a sua principal marca, assim, apontada por Desgranges:

No épico, o autor relata uma história já ocorrida e que, em geral, ocorreu com outra pessoa. Portanto, ele fala no pretérito (a história foi assim) e na terceira pessoa do singular (aconteceu com ele) [...]. Se a história já aconteceu e quem a conta conhece bem todo o seu desenrolar, não há o mesmo envolvimento emocional do autor dramático, que apresenta o fato no tempo presente, [...]. (DESGRANGES, 2010, p. 95).



Para acenar, para o processo de estranhamento de Brecht, foram criados espaços cenográficos, porém, sem a criação da caixa cênica e aproveitando a estrutura física dos espaços comunitários onde fizemos as rodas de conversas. Iniciava-se a roda de conversa com todos os elementos cênicos e equipe técnica na cena. O espaço de recontação das histórias era delimitado pela iluminação. Na cena ficavam dispostos os elementos cenográficos à mostra, com sua materialidade desvelada, a equipe técnica interagia com os espectadores e os objetos-luz, movimentados em interação com as contações. Além disso, são usadas projeções e sons na vivência. Todos os equipamentos técnicos que compõem a experiência são revelados.

Foto 6: roda de conversa na Associação de Moradores do Catalina

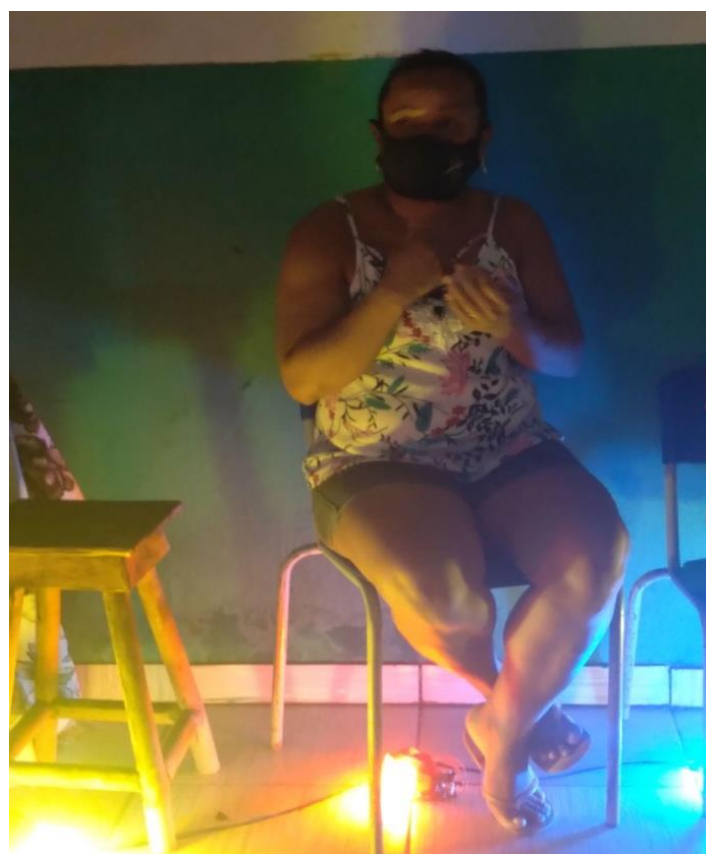


Fonte: Acervo pessoal da autora



O elemento principal, na minha opinião, e que não poderia faltar, foi a iluminação. A iluminação conduz no caminho para o qual, os participantes da experiência ultrapassam a linha de apenas observadores e se transformam em espect-atores, interativos e integrados na cena pela indução provocada pela iluminação, a partir do momento em que partilham suas histórias em correlação com as propostas de iluminação criadas com as “experiências luz”. Ela também era parte da composição cenográfica, criando um cenário de luz para a contação e interação entre os espect-atores e a contadora de histórias, Ivanilce Silva¹¹. Delimitando um caminho para uma poética, uma dramaturgia de encenação pela iluminação cênica criativa. Na qual a iluminação cênica torna-se o indutor do processo.

Foto 7 e 8: Espect-ator contando história



Fonte: Acervo pessoal da autora

¹¹ Psicopedagoga e contadora de histórias.



As “Experiências Luz”

Em cada espaço comunitário, foram criados dois ambientes, para momentos distintos de execução das “experiências luz”. As rodas de conversa iniciavam com a realização da primeira “experiência luz” que foi feita com velas, que se desenvolveu da seguinte maneira: utilizei para compor o cenário um caminho de luz feito com vasos com velas perfumadas, e as figuras representativas do imaginário amazônico, que marcava a entrada de cada espaço comunitário, no qual se buscava fazer um mergulho nas memórias de infância, na ancestralidade e no reconhecimento dos espect-atores que estavam participando da ação e inserindo-os no universo da cena. No que Koudela; Almeida Júnior apontam:

Imagine a si mesmo em uma caverna completamente escura. Nessa situação você está paralisado, perdido, desorientado. Insira um único fecho de luz – uma lanterna, uma vela, um palito de fósforo. Formas serão reveladas, esculpidas, selecionadas. É o que faz a iluminação cênica: conduz o olhar do espectador para esse aventurar-se, cada vez mais, no sentido do espetáculo (KOUDELA; ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 94).

Nesse sentido, a iluminação provocada pela experiência luz com velas, pretende estimular com que os participantes possam se empoderar do espaço criado, extravasar as sensações percebidas durante a vivência e se sintam estimulados a aventurar-se na contação de suas histórias, sejam elas pessoais ou ouvidas de terceiros. Assumindo assim, a cena de maneira espetacular. O que aconteceu em todos os lugares em que realizamos a experiência. E estabelecendo outra forma de experimentar o teatro em espaços não convencionais.

Em cada um dos espaços a experiência se desenvolveu de uma maneira diferente, porém, sempre sendo orientada a partir da montagem de um caminho de luz, que guiava os participantes até a sala, ou próximo ambiente onde eram contadas as histórias e realizadas as outras experiências, com luz negra e incandescente.



Fotos 9, 10 e 11: Caminhos de luz com velas



Fonte: Acervo da autora

Ao som de chuva, apresentava-se a contadora de histórias, que entrava com uma sombrinha de luz, representando a chuva, em seguida a luz dela era apagada e visualizava-se o esqueleto da sombrinha, gerando a quebra da sensação de encenação.

O segundo ambiente, retrata o lar onde se conta e se ouve histórias, o lugar de encontro da família, porém ao mesmo tempo esse espaço é a sala de aula de uma associação ou de dança de outra. Cria-se essa alteridade do lugar, que foi organizado de maneira a ser visto por um viés determinado pela experiência a ser desenvolvida.

Fotos 12, 13, 14 e 15: Elementos da cenografia



Fonte: Acervo pessoal da autora

Ele foi organizado com peças moldadas em papelão e que representavam elementos do cotidiano de uma casa do interior. Como o fogão de barro, as panelas e outros utensílios da



cozinha de barro, os tamboretos, os vasos, o pote de água, entre outros. Além dos elementos domiciliares, criamos também algumas referências às histórias que iríamos contar, como a imagem da Matinta Pereira, seu caldeirão e sua vassoura, pois segundo nos contaram, a Matinta é considerada uma bruxa da Amazônia, e eu trouxe esse elemento para a composição cenográfica.

Outros elementos utilizados foram a sombrinha de luz, que retratava a ideia de uma chuva feita com iluminação em led e que fazia memória aos dias de chuva que antecedem as contações de histórias de assombramento, e a representação de uma árvore feita em papelão e galhos recolhidos na cidade.

Fotos 16, 17, 18 e 19: Matinta



Fonte: Acervo pessoal da autora

Por fim, usou-se uma panada feita com tecido de voal transparente para criar a ilusão de voo da Matinta e sua aparição. Foi utilizada a maquiagem neon para compor a cena com a representação da Matinta Pereira na utilização de luz negra. Contamos com a colaboração da jovem atriz Agatha Silva¹² que interpretou a Matinta Pereira em dois espaços de roda de conversa. Outro Jovem que fez parte do projeto foi Jaime Gabriel Souza¹³ que atuou como

¹² Jovem atriz que fez parte do projeto Vagalumes Urbanos desenvolvido durante a minha graduação e que continua a estudar e vivenciar a arte, nesse projeto contribuiu com a personificação da Matinta Pereira.

¹³ Jovem aprendiz de iluminação que fez parte do projeto Vagalumes urbanos desenvolvido durante a minha graduação e que continua a estudar e vivenciar a arte da luz.



assistente de arte junto com a responsável pela produção de arte Vivian Santa Brígida¹⁴. Além de Paulo Souza¹⁵ que contribuiu com a logística.

Fotos 20, 21, 22 e 23: alguns membros da equipe



Fonte: Acervo pessoal da autora

Todos os elementos foram organizados na montagem cenográfica, nos três espaços onde realizamos as “experiências luz”, na Associação dos Moradores do Jaderlar, Núcleo de Educação Popular Raimundo Reis e Associação dos Moradores do Catalina. A cada espaço, iam se acrescentando alguns elementos, de acordo com a produção pelo cenógrafo e aderecista Jesus da Conceição¹⁶. O que gerou uma grande quantidade de materiais e uma necessidade de logística para todo o deslocamento entre os espaços comunitários.

Outra experiência, foi a “experiência luz incandescente”, que se realizou da seguinte maneira: um “objeto-luz” construído com um cabo elétrico com 15 metros de comprimento e com 15 lâmpadas led de 5 watts, em alguns espaços utilizado sem filtro de cor e em outros com filtro de cor em várias tonalidades. A luminosidade criada por ele gerava um universo de sombras e um ambiente fantasmagórico. Ao som de chuva, que nos remete aos dias em que as histórias mais eram contadas na nossa família, ouvíamos uma história contada por minha mãe Maria Ivete

¹⁴ Artista visual, cenógrafa e parceira de sonhos na arte.

¹⁵ Profissional que contribuiu na logística do projeto.

¹⁶ Artista visual, cenógrafo e aderecista, que embarca nas minhas invenções e as torna reais.



Silva dos Santos¹⁷. Após esse momento, a contadora de história fazia outra contação e motivava os espectadores a tomarem a palavra e fazer as suas próprias contações de histórias.

Foto 24, 25 e 26: Contando e recontando histórias



Fonte: Acervo pessoal da autora

A última experiência dessa vivência, é a “experiência luz negra”. Na qual aponto o que Soares fala acerca do termo:

a “luz negra” é um tipo de lâmpada que emite uma frequência especial de luz, a luz Ultra Violeta (UV). É um tipo de luz que parece iluminar os objetos de forma seletiva, acendendo alguns e eliminando outros, quase todo o objeto branco reflete a luz emitida pela UV tal como alguns tipos de pigmentos. Também existem animais e fluídos corporais que são sensíveis à “luz negra” transmitindo a sensação de terem luz própria e estarem iluminados (Soares,2013, p. 45).

Assim, a luz negra foi utilizada para iluminar apenas um determinado elemento na cena: a folha de papel sulfite branca. Eliminando-se os outros elementos que compunham a cena, e direcionando a atenção para a dinâmica que seria desenvolvida e incentivando-se a imersão na proposta de ação com a luz. Utilizando-se, da luz emanada, a partir do objeto-luz feito com caixotes de madeira (geralmente usados para acondicionar frutas e legumes na feira), que foi reutilizada, e onde foram adaptados os condutores de energia e as lâmpadas de luz negra. Esses, em outros momentos, eram apenas assentos das contadoras de histórias. E nesse momento se

¹⁷ Contadora de histórias, escritora de contos de assombração e figurinista. Minha maior referência e inspiradora de todos os meus projetos e sonhos no universo das artes.



tornavam os objetos-luz direcionando a atenção para a experiência.

A experiência se desenvolve da seguinte maneira: ao som de pássaros em fundo de floresta, é distribuída uma folha de papel, para que cada espectador-atuante a movimente de acordo com o som que é reproduzido. Fazendo-se a relação com o assobio da Matinta Pereira que em algumas histórias é contada como uma pessoa que se transforma num grande pássaro que com seu canto estridente em forma de assobio assusta e açoita quem a desafia. Mobilizei os espectadores a sentirem o som e realizarem movimentos com as folhas de papel, em várias velocidades, gerando um outro som, como se fosse o bater de asas do pássaro, apenas iluminados pela luz negra.

Ao final da música, todos são convidados a criar uma imagem com a folha de papel que foi usada na dinâmica, podendo relacioná-las com as histórias contadas durante o encontro.

Fotos 27, 28 e 29: Luz negra



Fonte: Acervo pessoal da autora

De todas as interações, realizadas nas rodas de conversas dos vários espaços comunitários, foram produzidos grande material imagético, que foi editado e resultou na obra artística em forma de vídeo, objeto final do edital.

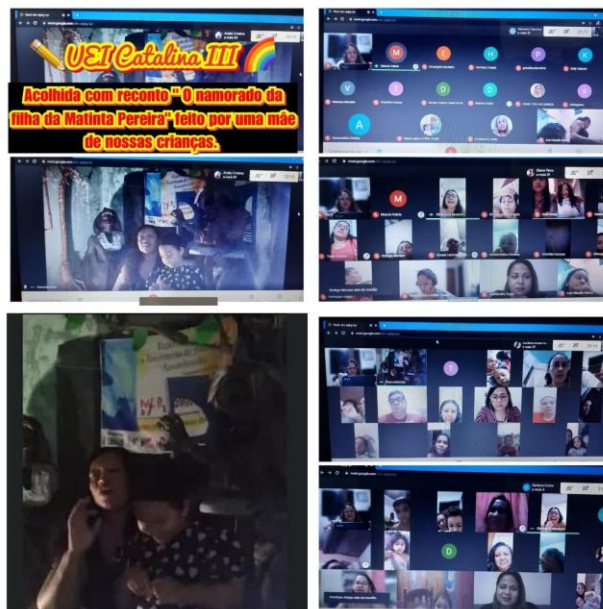
Fato importante de se acrescentar foram as contrapartidas que apesar de serem realizadas de maneira *online*, nos fortaleceram na execução do projeto e puderam aproximar o público da obra artística e deram o retorno sobre os passos que foram desenvolvidos. Aponto como referencial o que fala Luciana Raposo sobre a criação, o trabalho durante a pandemia:



Não sou só uma criadora de luz. Sou uma criadora dentro do espetáculo, e trânsito entre a luz e as outras linguagens [...] Falo não só verbalmente, falo também fazendo luz. É o que faço e é a forma como sei dialogar com o mundo. Esse lugar foi cortado totalmente[...] A gente continuou trabalhando online. Não é a mesma coisa, mas estamos tentando e aprendendo (RAPOSO, 2021, p.1).

A possibilidade de converter as atividades de maneira presencial para *online*, já havia sido apontada no projeto inicial, pois as notícias sobre a pandemia continuavam caóticas em todo o Brasil, e em particular no nosso estado. Isso me levou a necessidade de aprender a utilizar aplicativos, programas e sistemas para criar e executar as ações do projeto. Na base de tentativa e erro/acerto, e na troca de experiências com outros profissionais que também estavam na mesma situação que eu. Essa necessidade trouxe muitos aprendizados e novas possibilidades, principalmente de capacitação profissional, em sites públicos e privados, além da aproximação de outras profissionais da iluminação e de coletivos de arte entre eles: as “Mulheres na Técnica Pará”¹⁸ e as “Iluminadoras Pretas”¹⁹. Além, da possibilidade de difundir mais amplamente o trabalho que venho desenvolvendo na cidade.

Fotos 30, 31, 32 e 33: Contrapartidas *online*



Fonte: Acervo pessoal da autora

¹⁸ É uma rede de apoio e visibilidade para mulheres técnicas de diversas áreas do segmento cultural no estado do Pará.

¹⁹ Coletivo que mapeia essas mulheres e suas histórias, cria uma rede de apoio sob um ponto de vista étnico e de classe, troca informações e pensa coletivamente a posição da mulher negra na iluminação cênica no Brasil.



Algumas considerações

O projeto me proporcionou apresentar ao mundo a minha paixão pelo ensino aprendizagem da iluminação, a possibilidade do uso da luz como um indutor para a dramaturgia cênica, a ampliação do universo criativo para os indivíduos que participaram tanto das rodas de conversa quanto de quem pode assistir o vídeo resultante do projeto.

A possibilidade de fazer arte junto à comunidade da periferia possibilita a ampliação do olhar e difunde as artes em todas as suas linguagens e esse é um processo que acredito não deve ser perdido ou esquecido pelos órgãos responsáveis tanto das instituições particulares quanto dos órgãos públicos.

Como pesquisadora desse elemento: a iluminação cênica, o projeto me proporcionou criar espaço para experimentações, nos locais fora dos espaços convencionais: os teatros e me trouxe para a periferia, visitando e me apropriando de outros lugares para o fazer teatral. Envolveu o resgate de uma trajetória de vida, buscando a atuação na periferia da cidade, para que os moradores desses espaços possam se aproximar do universo da arte, possam experienciar uma vivência viva e ainda ampliar o seu olhar para o universo artístico, seja pela recontação das histórias revividas nas rodas de conversa, seja pela experiência com a iluminação cênica que nos leva para outros espaços do imaginário.

O uso da iluminação, da recontação de histórias e a criação do vídeo, aproximou e envolveu o público, mesmo estando vivendo o auge da pandemia no momento da realização do projeto.

Quando elaborei o projeto, esperava criar nas comunidades espaços de troca de experiências entre as várias gerações, onde pudéssemos ter o olhar dos mais idosos dessas localidades onde o projeto visitou. Pois, acredito no poder dessa relação, foi dessa maneira, ouvindo histórias, que construí boa parte do acervo de memória que carregou comigo. Considero o que QUEIRÓS aponta:

Memória não tem filtro e armazena tudo. Memória a gente não rasga, não joga no lixo, não lava com sabão. Memória é sentinela, e nos vigia sempre. A memória não vê mas não tira o olho. Vai somando vida afora. Tudo que a gente olha, ouve, toca, come, cheira, a memória não esquece. E, de repente, transborda mais rápido que enchente. Coisas que a gente só imaginou, a memória guarda. E fatos que a gente nem sabia que sabia rompem sem mais nem menos no pensamento (...). E chegar ao mundo com 57 anos é ter, desde cedo, um grande peso de memória (QUEIRÓS, 2006, p. 11).



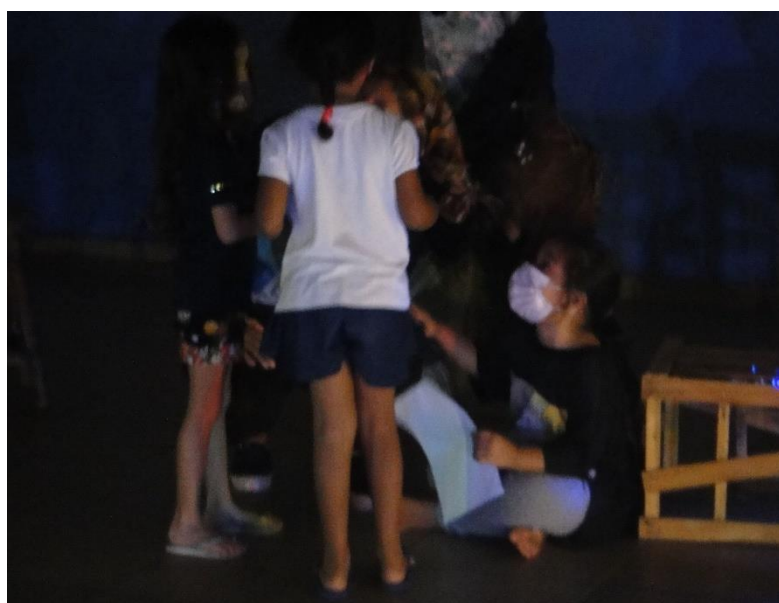
No início do ano de 2021, imaginava que após a vivência do ano anterior com a Covid 19, tudo estaria melhor. Porém, não foi o que aconteceu, infelizmente tivemos um aumento dos casos e por consequência, os decretos governamentais de isolamento social, na tentativa de conter e prevenir os agravos causados pela epidemia de CORONAVÍRUS. Isso, causou muitas dificuldades, como o fechamento dos espaços públicos e das organizações não governamentais, locais onde iria realizar as atividades, o que causou a necessidade de reorientação das ações do projeto, com a redução de pessoas nas rodas de conversa, sem falar, que instalou-se um medo muito grande das pessoas de participarem de atividades presenciais por medo de contaminação, principalmente porque ainda naquele momento não estava estabelecida a vacinação para o público em geral e ainda tínhamos um clima de muita incerteza instalado. As medidas orientadas pelos decretos foram implementadas, como limpeza e desinfecção dos espaços comunitários, que estavam fechados sem atividade, a disponibilização de álcool, a obrigatoriedade do uso de máscara e do distanciamento social.

Todas essas medidas proporcionaram a execução das filmagens e a realização do projeto. Tivemos a participação reduzida em relação ao que esperava, quando inscrevi o projeto ao edital, porém as contribuições que tivemos foram muito significativas.

Inclusive das crianças, numa das rodas na Associação dos Moradores do Catalina, quando motivamos os espectadores a contarem suas histórias as crianças começaram a contar as histórias do seu universo. Uma das crianças me falou: “a gente pode contar história de fadas e princesas? Eu só sei contar da Cinderela e da Branca de Neve!”. No que a acolhi, outras crianças também quiseram contar suas histórias.



Foto 34, 35, 36 e 37: Participação das crianças



Fonte: Acervo da autora

Por todas as experiências, que pude vivenciar nesse projeto, posso afirmar o quanto é importante a realização de ações culturais, seja através das iniciativas do terceiro setor, pelos empreendedores e produtores culturais independentes, ou principalmente, pelo setor público, para a efetivação de políticas públicas que atendam as demandas das comunidades da periferia.



Referências

AVIZ, Maria do Livramento. **Relato realizado em roda de conversa no Núcleo de Educação Popular Raimundo Reis**. 07/02/2021 . Acervo da autora.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

KOUDELA, Ingrid Dormien; ALMEIDA JUNIOR, José Simões. **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Por parte de pai**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

RAPOSO, Luciana. A entrevista **Iluminação cênica é tema no último episódio de “O Artista por Trás da Cena”**. Correio do povo: 31/12/2020. Disponível em <https://www.correiodopovo.com.br/arteagenda/> Acessado em: 05/12/2021.

SALES, Marcia da Silva. **Relato realizado em roda de conversa na Associação de Moradores do Jaderlar**. 14/02/2021. Acervo da autora.

SILVA, Ivanilde Santos da. **À Luz do Teatro: uma investigação sobre a sensibilização de crianças e adolescentes pela iluminação no processo de ensino e aprendizagem do teatro**. Monografia de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Teatro) Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Arte, 2013.

SOARES, Ana Cristina de Oliveira Fernandes. **A poética da luz na arte contemporânea**. 2013. Dissertação (Mestrado em em Criação Artística Contemporânea) - Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Portugal, 2013.



**“Experiência Luz”: Relato de Uma Vivência da Iluminação Cênica
em Conexão Com Histórias de Assombração**

Ivanilde Santos da Silva

Recebido em: 15/10/2021

Aprovado em: 29/12/2021

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
revistaluzemcena@gmail.com